

Editorial

A Revista Psicologia e Saúde aparece com o seu sexto número em pouco mais de dois anos de existência. Sem dúvida, para nós, do comitê e do conselho editorial, este número vem carregado de um especial significado, a saber: a revista foi aceita para indexação no PePsic. A indexação representa os esforços de qualificação do pessoal da equipe de editoração, o que reflete no aperfeiçoamento dos processos editoriais, acompanhando a tendência geral dos periódicos científicos no Brasil e no mundo.

Parece-nos oportuno recordar que a Revista Psicologia e Saúde surgiu com a missão de difundir e produzir conhecimento científico mediante a transversalização da Psicologia com a saúde e a cultura. Essa difusão e produção se constituem através da publicação de artigos originais com temáticas que privilegiam pesquisas e discussões teóricas nessas diferentes áreas, visando à ampliação da Psicologia no que diz respeito a reforçar seu papel de referência para práticas profissionais na área da saúde e da cultura.

A missão da revista é uma aposta na premissa de que a pesquisa e discussões teóricas em Psicologia precisam provocar a pensar diferentemente do que se pensa. Neste número da revista, a provocação ao pensamento se faz mediante a intercessão da Psicologia com as políticas públicas e a assistência social. Isto é, sem dúvida, um grande desafio, principalmente quando essas políticas estão dirigidas à infância, à adolescência, às mulheres e, por que não, a um núcleo multiforme denominado de família. Esta experiência cotidiana no interior deste núcleo de convivência social, que em cada caso é chamado de família, se constitui em uma importante oportunidade de produção de saúde mental. Participar dos esforços da saúde coletiva para apoiar estes núcleos familiares é uma tarefa que desafia e enobrece a Psicologia.

Não menos importantes são os desafios em pensar a qualidade de vida na academia, um ambiente marcado por uma série contínua de pressões e de tensões que afetam o bem-estar das populações universitárias em muitos aspectos da sua vida cotidiana. O estresse produzido pela dinâmica, algumas vezes com um ritmo produtivista doentio, tem levado discentes e docentes a fazer a ex-perior da academia nos limites da vida e da morte. Se isto não dá o que pensar, então, a indiferença já é a medida de uma ciência humana que se esqueceu de sua humanidade.

Não obstante a impugnação dos paradigmas subjetivistas, é necessário reconhecer que distintas pessoas ou grupo de pessoas se afetam de forma variada às pressões e interpelações do mundo no qual vivem. Investigar a significação dessas experiências nos seus respectivos contextos permite que a Psicologia desfrute da oportunidade de estar em permanente construção dos campos teóricos e metodológicos, que se fazem instrumentos e presença nos pequenos e grandes espaços sociais de pesquisa e intervenção.

Creio que a sensibilidade é a medida mesma das ciências humanas e sociais. Sensibilidade como não indiferença e abertura para as interpelações, ainda quando muitas delas estejam marcadas pelas vertigens de um realismo traumático. Este realismo vertiginoso desmente Descartes, não somos um fantasma na máquina, mas sim somos espantosos, na vida e na morte.

Dr. Márcio Luis Costa
Editor